

SAFO, FRAGMENTO 2: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO*Leonardo Mario Ferraro¹**Eduardo Fischli Laschuk²*

RESUMO: Safo destaca-se entre os maiores poetas da Lírica Grega Arcaica. Neste artigo, apresentamos uma tradução do Fragmento 2 (Lobel-Page) de um poema seu e oferecemos informações sobre essa lírica, uma biografia resumida da poetisa e sua obra. Descrevemos também como o Fragmento 2 chegou até nós. Por derradeiro, incluímos o texto grego original e um comentário.

PALAVRAS-CHAVE: Safo; literatura grega; lírica grega arcaica; poesia; Fragmento 2; tradução literária.

ABSTRACT: Sappho stands out among the greatest poets of the Archaic Greek Lyric. In this article, we present a translation of Fragment 2 (Lobel-Page) of a poem of hers and provide information about this lyric, a short biography of the poet and her work. Moreover, we describe how the Fragment 2 came to us. Lastly, we include the original Greek text and a commentary.

KEYWORDS: Sappho; Greek literature; archaic Greek lyric; poetry; Fragment 2; literary translation.

A Lírica Grega Arcaica

Conforme Adrados (1980), a Lírica Grega Arcaica divide-se em popular e literária. A popular obviamente é a mais antiga, tendo surgido das tradições mais longevas e dos mitos de um povo, desde os tempos pré-históricos, passando pela época heroica. A literária surgiu a partir da introdução da escrita na Grécia, na ilha de Rodes ou na ilha de Chipre, no século VIII a.C.

A lírica popular caracteriza-se pelas tradições orais, onde aparece uma variada gama de cantos que marcam as mais diversas atividades humanas. Há, portanto, os cantos fúnebres, os religiosos, os de casamento, os de trabalho e os cantos que narram os mitos da cultura grega. Todos têm sua finalidade específica; são entoados, respectivamente, nas cerimônias fúnebres, nas religiosas, durante a boda, o trabalho e para contar as histórias dos mitos.

1 Licenciado em Letras pela FAPA e estudante de grego antigo. Servidor público aposentado da Justiça do Trabalho.

2 Doutor em Química pela UFRGS. Ex-professor de grego clássico no NELE/UFRGS e professor particular de grego antigo. Professor da Faculdade de Química da PUCRS.

A introdução da escrita na Grécia ensejou a fixação dos textos fazendo-os mais ricos e completos, permitindo sua perenidade. Assim, a poesia grega conservou-se através dos tempos, chegando até nossos dias. A lírica literária compreende três vertentes: coral, que caracterizava-se por um coro cantando temas públicos ou religiosos; monódica, que consistia em um poeta declamando seus versos acompanhando-se com a lira; e mista, onde um poeta entoava seu canto acompanhando-se com um instrumento, ao mesmo tempo que um coro cantava em resposta. Os poemas eram compostos com métricas variadas, segundo os temas tratados. A chamada hínica fala dos mitos e deuses; o verso iâmbico era utilizado para temas satíricos e eróticos; a lírica elegíaca utilizava-se nos simpósios (banquetes), nos versos satíricos, e também em forma de epigramas e epitáfios. Já a lírica mélica tratava de temas diversos, mais subjetivos e individuais, o que vai dar origem à lírica atual ou contemporânea. A poetisa Safo situa-se dentro desse amplo panorama da poesia grega antiga, sendo sua obra classificada no campo da lírica mélica.

Safo de Lesbos

Safo nasceu na ilha de Lesbos, entre 650 e 610 a.C. e morreu por volta de 580 a.C. Ao que parece, de família nobre, esteve casada com Cercilas, de Andros, e teve uma filha, Cleis. Tinha três irmãos: Láríco, Caraxo e Eríguio. A filha e os irmãos são mencionados em seus versos; não fala em seu pai, tampouco em seu marido. Homenageou sua mãe, dando o mesmo nome à filha. Há indícios de que a família de Safo não se encontrava em boa situação econômica. Com efeito, eram tempos ruins para a aristocracia de Mitilene. A vida política andava turbulenta e Safo é desterrada, sob a tirania de Mirsilo, e exila-se em Siracusa, entre 603 e 595 a.C.; ali conservou-se um busto dela. Após 590 a.C., estava vivendo novamente em Mitilene.

Ela possuía valores novos, diferentes dos da velha aristocracia. Desdenhava a riqueza sem virtude e criticava os nobres da ilha. Suas atividades consistiam em ministrar ensinamentos de poesia, música, boas maneiras a um grupo de discípulas e por isso foi acusada por alguns autores de dissoluta e amante de mulheres. Educava moças do mais alto extrato social da ilha e da Jônia, chamando sua casa a “casa das servas das Musas”. Sua arte poética e musical a tornariam imortal, exercendo grande influência sobre outros autores. Era muito elogiada por diversos poetas. Platão tinha-lhe alto apreço, a ponto de considerá-la “a décima Musa” (*Fedro* 235 b). Horácio dedica-lhe um pensamento: “ainda respira o amor e vivem os ardores confiados às cordas da jovem de Lesbos” (*Odes* II 13, 14-25). Além disso, ela está colocada entre os nove poetas líricos ou mélicos considerados pelos estudiosos alexandrinos do período helenístico.

Nos tempos modernos, seja na literatura, seja no âmbito geral da cultura ocidental, Safo é considerada tanto como poetisa admirada quanto como a inspiradora de amores pervertidos. Não obstante, sua genialidade atravessou o tempo. Sobre a poetisa há variadas opiniões ao longo das épocas, de Boccaccio a Virginia Woolf, passando por Lord Byron e Baudelaire, que atestam sua marcada influência

na poesia, no pensamento, nos costumes e nas artes. Boccaccio, por exemplo, escreveu:

Esta [...], ascendendo com estudo contínuo o rochoso e áspero monte Parnaso, teve o atrevimento de acompanhar as felizes Musas, que não recusaram aceitá-la em sua companhia [...]. Pelo que [...] ela foi contada entre os mais célebres poetas de cujo esplendor realmente não são mais claras as coroas dos reis, as mitras dos pontífices, nem as coroas de louros dos triunfadores. (*Libro delle donne illustri*, 1547, pp. 55-56, tradução de Leonardo Mario Ferraro)

Mesmo hoje, Safo continua sendo lembrada e estudada. O leitor interessado encontrará facilmente informações sobre sua vida, as lendas que cercam sua pessoa e o respectivo contexto histórico no documentário *Sappho: Love and Life on Lesbos* (MAYA VISION, 2015) apresentado pela papirologista Margaret Mountford.

A obra de Safo é muito variada. Compõe epitalâmios para bodas, sob encomenda, obras essas cobradas. Seus temas preferidos são a festa, os autobiográficos e os familiares. O tema erótico está muito presente, referindo-se às relações de Safo com suas amigas. Nesse ambiente predominam os sentimentos corriqueiros da condição humana: ciúmes e separação, opinião, amor, nostalgia, lamento, lembranças, exortação, consolo.

Assim transcorreu sua existência, vivendo uma vida doce e amarga até ficar velha. Os poemas de Safo estão cheios de hinos aos deuses pedindo-lhes que venham à festa, que ajudem a ela ou a suas amigas; de descrições de ações culturais: sacrifício³, trançado de coroas, bebida, perfumes, refinamento no vestir, poesia e canto. Tudo está relacionado a erotismo posto que, fundamentalmente, de deuses eróticos se trata. Safo transmite, pois, a suas amigas (e ao seu público) valores gerais relacionados com a beleza, o *eros*, uma concepção da natureza e a vida. Ela ama a beleza acima de tudo⁴.

A poesia de Safo é difícil de interpretar. Nela estão presentes o coletivo e o privado, o religioso e o íntimo, o espiritual e o concreto, o humano e o natural, o presente e o mito, o comparado e a comparação, temas não fáceis de distinguir. Como afirma Adrados:

Agarrada a lo concreto, a la fórmula que es como un conjuro, a la danza y el canto, esta poesía produce un efecto poderoso, explora por primera vez nuevos mundos. (ADRADOS, 1980, p.352)

3 “...eu de uma branca cabra a ti... / ...e te farei uma libação...” – Fr. 40 L.-P. (ADRADOS, 1980, p. 362, traduzido do espanhol).

4 A título de ilustração, citamos o seguinte fragmento na forma de texto corrido: “...tendo fugido (?)... aprendi (?)... a ti... dê êxito a tua boca... os belos dons (das Musas?) as moças... a amiga do canto, aguda lira... já a velhice toda a minha pele e brancos fizeram-se meus cabelos que eram negros... e já não me sustentam os joelhos... como os filhotes de cervo... mas que posso fazer?... não é possível que aconteça (dizem que) Aurora de braços róseos... levando aos confins da terra... mas alcançou-lhe não obstante... esposa... considerara... acompanhara. Porém eu amo todo esplendor: ... isto e a brilhante luz do sol e a beleza é minha parte na vida.” – Fr. 58 L.-P. (ADRADOS, 1980, p. 366, tradução de Leonardo Mario Ferraro).

A obra de Safo

Os poemas de Safo foram reunidos e editados por estudiosos de Alexandria no período helenístico. Um papiro em especial, o *P. Oxy.* 1800, menciona nove livros de odes, elegias e outras obras. A *Suda*⁵ faz referência a iambos e epigramas. Ainda discute-se se os nove livros eram de odes e os Epitalâmios formavam um livro à parte, ou se tudo era abarcado em uma única obra em dez volumes.

Os livros editados em Alexandria estavam organizados pela métrica dos poemas. Os poemas do livro I eram em estrofes sáficas, em um total de 1320 versos, conforme o *P. Oxy.* 1231. Estima-se que, ao todo, a obra de Safo devia abranger entre 10.000 e 12.000 versos, compostos em dialeto eólico; desses, restaram uns 600. Na verdade só temos, hoje, os versos dela e os de Alceu como material literário em eólico. Lobel-Page e Voigt procuraram reconstruir a edição antiga com base na ordem dos fragmentos.

A história do Fragmento 2

O Fragmento 2 na classificação de Lobel-Page chegou-nos por meio da alusão casual de um retórico, Hermógenes de Tarso (Ἑρμογένης ὁ Ταρσεύς) (c. 160–225 d.C., ou seja, mais ou menos 800 anos depois da época da poetisa de Lesbos). Do próprio Hermógenes pouco se sabe, tendo deixado uma observação sobre o poema de Safo em sua obra *Tipos de estilo* (Περὶ ἰδεῶν λόγου, 2.4): “É possível descrever em termos simples prazeres que não são baixos, a beleza de um lugar, por exemplo, a variedade da vida vegetal, a diversidade dos regatos e assim por diante. Essas coisas proporcionam prazer para os olhos quando vistas e para os ouvidos quando se fala sobre elas.” E cita:

ἀμφὶ δὲ ὕδωρ ψυχρὸν κελαδεῖ δι' ὕσδων μαλίνων
E em derredor água fria ressoa através de ramos de maçãs

e

αἰθυσσομένων δὲ φύλλων κῶμα καταρρεῖ
e das folhas que se agitam faiscentes, derrama-se a quietude

concluindo: “e tudo o que vem antes e depois disso”. A afirmação deixa claro que os dois versos provêm do mesmo poema, bem conhecido, e por isso dispensa uma citação completa.

O poema integral, disponível e conhecido ao tempo de Hermógenes, descrevia com palavras simples a beleza do mundo natural. Não fosse o retórico, provavelmente jamais saberíamos da existência desse poema; graças a Hermógenes, ficamos com meras duas linhas e só poderíamos especular sobre o conteúdo das

5 *Suda* (Σοῦδα ou Σοῦίδα) é um léxico ou enciclopédia histórica do século X, escrita em grego bizantino, relacionada ao antigo mundo mediterrâneo.

demais. O fato é que só restou uma pequena parte da obra sáfica, efeito da passagem dos séculos sobre todos os textos perdidos que não mais serão encontrados.

Contudo, os séculos foram clementes com o poema do Fragmento 2. Na década de 1930, um achado arqueológico levou à descoberta do poema, aparentemente, quase completo. Medea Norsa (1877 – 1952), filóloga e helenista italiana, especialista em papirologia, encontrou seu texto em um *óstrakon*⁶ do período ptolomaico (século II a.C.). A peça cerâmica foi encontrada no Egito, em uma escavação em Oxirrinco, por Annibale Evaristo Breccia (1876 – 1967), egiptólogo italiano. O óstrakon encontrava-se danificado em seu canto superior direito e trazia algumas letras apagadas. O texto era irregular, mostrando uma escrita cuidadosa no início e apressada no final, sem quebrar a linha a cada verso. Além disso, o escriba que copiou o texto cometeu numerosos erros e omissões. Esse fato, aliado à natureza do suporte físico, leva a crer tratar-se de um exercício escolar (ÁLVAREZ, 2011). Esse é o mais antigo documento já encontrado contendo uma canção sáfica, e sua publicação por Norsa em 1937 teve repercussão mundial em grandes jornais (PINTO, 2005, p. 20).

O óstrakon contém apenas o texto, sem fazer referência à autora. Se dependesse apenas desse achado, não teríamos tanta certeza tratar-se de um escrito de Safo. Quem tornou possível a solução do enigma foi justamente Hermógenes, que estabeleceu o elo entre o poema e sua autora.

Apresentamos a seguir o texto grego original. A edição consultada foi a de Campbell (1982). A composição é em estrofes sáficas, ou seja, três versos endecassílabos sáficos e um quarto pentassílabo adônico, conforme o esquema abaixo:

– υ – x – υ υ – υ – x
 – υ – x – υ υ – υ – x
 – υ – x – υ υ – υ – x
 – υ υ – x

Para ter uma ideia de como soariam versos nessa métrica, se fossem declamados com acompanhamento de um instrumento musical, indicamos a gravação de Antunes (2013) no YouTube para o Fragmento 31 de Safo.

Fragmento 2 e tradução

6 Do grego ὄστρακον. Originalmente, *concha de ostra*; mais tarde passou a designar qualquer *pedaço de cerâmica* usado para escrever sobre ele. O óstrakon contendo o Fragmento 2 de Safo é um caco triangular de cerâmica, do tamanho aproximado de uma mão de adulto. Tais peças eram geralmente usadas para recibos e anotações do cotidiano. Ocasionalmente, usavam-se nas escolas ao invés de tabuinhas enceradas ou papiros.

δεῦρό μ' ἐκ Κρήτας ἐπ[ὶ τόνδ]ε ναῦον
 ἄγνον, ὅππ[α τοι] χάριεν μὲν ἄλσος
 4 μαλί[αν], βῶμοι δὲ τεθυμιάμε-
 νοι [λι]βανώτῳ·
 ἐν δ' ὕδωρ ψῦχρον κελάδει δι' ὕσδων
 μαλίνων, βρόδοισι δὲ παῖς ὁ χῶρος
 8 ἐσκίαστ', αἰθυσσομένων δὲ φύλλων
 κῶμα κατέρρει·
 ἐν δὲ λείμων ἰππόβοτος τέθαλεν
 ἠρίνοισιν ἄνθεσιν, αἱ δ' ἄηται
 μέλιχα πνέουσιν [.]
 12 [.]
 ἔνθα δὴ σὺ [. .] ἔλοισα Κύπρι
 χρυσίαισιν ἐν κυλίκεσσιν ἄβρωσ
 ὀμμεμείχμενον θαλίασι νέκταρ
 16 οἰνοχόαισον

Vem aqui para mim de Creta sobre este santuário
 sagrado, onde de um lado está teu gracioso bosque
 de macieiras, de outro altares perfumados
 4 de incenso.
 Aqui a água fria ressoa através de ramos
 de maçãs; todo o local é pelas rosas
 sombreado e, das folhas que se agitam faiscentes,
 8 derrama-se a quietude.
 Aqui a campina onde pastam cavalos viceja
 com flores de primavera, e as brisas
 suavemente sopram [.]
 12 [.]
 Agora então tu [. .], ó Cípris, apanha
 em douradas taças o néctar
 delicadamente misturado nas festividades
 16 e serve-o.

No poema acima, Safo descreve uma paisagem bucólica, as coisas belas da natureza, colocando-se como observadora desse lugar idílico onde pastam cavalos na campina úmida, cheia de flores, por onde corre a água fria dos regatos. É um convite à celebração da primavera e do amor, personificados em Afrodite, fechando com um convite à deusa (Cípris) para participar, pedindo-lhe gentilmente que sirva o vinho da festa.

Hermógenes, por sua vez, referindo-se aos versos de Safo, discorre sobre os elementos da natureza neles descritos e as sensações e o prazer que as palavras dão através da leitura; para não falar no prazer que essas coisas proporcionam para os olhos quando observadas diretamente.

Comentário

O estilo de tradução preferido para o poema foi o simples e direto, sem métrica, sem recriar nem usar neologismos ou inversões, cada verso correspondendo ao original. Acreditamos, afora a métrica, ser essa forma mais compatível com o estilo de Safo, o qual é simples, fluente, direto e elegante.

O primeiro verso do Fragmento certamente não é o começo do poema porque no início do óstrakon há algumas palavras parcialmente apagadas. Muito provavelmente, havia ali o particípio feminino κατίουσα (*descendo*) pois, no início do óstrakon, aparece parcialmente legível [...]ρανοθενκατιου[...]. Isso poderia ser originalmente ούράνοθεν κατίουσα (*descendo do céu*) ou καρήνοθεν κατίουσα (*descendo dos cumes de montanha, dos picos* — supostamente, picos do Olimpo).

A primeira estrofe que chegou até nós contém uma oração cujo verbo não está explícito. A oração δεῦρ' ἔκ Κρήτας ἐπ[ὶ τόνδ]ε ναῦον ἄγνον (literalmente: *para cá para mim desde Creta sobre este santuário sagrado*) sugere claramente que um verbo no imperativo, como *vem, aproxima-te, chega*, foi deixado implícito pela autora. Omissão semelhante ocorre em outros poetas, e não há nenhum motivo para supor que Safo não faria uso desse recurso. Por outro lado, essa oração contém algumas letras que estavam apagadas no óstrakon: ἐπ[. .]ε ναῦον. Os editores reconstruíram o texto introduzindo ali o pronome demonstrativo τόνδε (*este*). Essa lacuna poderia muito bem conter o verbo que falta à oração, talvez, por exemplo, ἐπ[ίκαν]ε ναῦον (*vem ao santuário, desce sobre o santuário*). De todo modo, explicitamos o verbo na tradução.

No decorrer do Fragmento aparecem mais palavras com algum grau de dificuldade ou, no mínimo, que merecem uma explicação. Na linha 1 temos Κρήτας, referência à ilha de Creta, onde está situado importante templo de Afrodite, uma das tantas moradas da deusa, assim como o céu e o Olimpo. Na mesma linha, ναῦον pode ser entendido tanto como *templo* ou como *santuário*. Optamos pelo segundo termo por possuir conotação mais ampla, remetendo a um espaço maior com campina e bosque, pomar e regatos, ao invés do primeiro, que poderia dar a ideia apenas de um prédio ou edifício. A descrição de um espaço com finalidade religiosa prossegue nas linhas 3 e 4, que nos trazem βῶμοι [...] τεθυμιάμενοι [λι]βανότῳ (*altares perfumados de incenso*). Nessa expressão, o particípio τεθυμιάμενοι (*perfumados*) indica mais do que simples presença de fragrância: há combustão com produção de fumaça.

Encontramos nos versos 3 e 6 duas palavras aparentadas a μῆλον (*maçã*): μαλίαν no 3 e μαλίνων no 6. No trecho χάριεν [...] ἄλσος / μαλί[αν] (*gracioso bosque de macieiras*, linhas 2-3), a palavra μαλίαν (*de macieiras*) é o genitivo plural de μαλία (grafia eólica equivalente a μηλέα, a forma jônico-ática dicionarizada). Mais adiante, no trecho δι' ὕσδων / μαλίνων (*através de ramos de maçãs*, linhas 5-6), a palavra μαλίνων é uma forma do adjetivo μάλινος, -η, -ον (dialeto eólico) ou μήλινος (forma jônico-ática dicionarizada). Uma possível tradução de μάλινος é *málico*, isto é, *de maçã* ou *de macieira*. Para efeito de tradução literária evitou-se usar o adjetivo

málico porque afastar-se-ia do estilo simples em português. Na verdade, em vernáculo o adjetivo *málico* quase só é utilizado como termo técnico em Química (ácido málico). No grego, porém, μάλινος é uma palavra de uso comum, mais ou menos como, para nós, *cítrico* é o adjetivo para referir-se ao limão e ao limoeiro.

Cabe aqui uma observação: para os gregos μήλον (*maçã*) também podia designar várias outras frutas como, por exemplo, marmelo (*maçã cidônia*), pêssego (*maçã persa*), damasco (*maçã armênia*), cidra (*maçã da Média*), etc. A maçã, ademais, encerra toda uma simbologia pois, se ofertada ou jogada para outra pessoa, o ato demonstra interesse por ela — uma declaração de amor. É a fruta de Afrodite.

No mesmo verso (linha 5), há κελάδει δι' ὕδων / μαλίνων (*ressoa através de ramos de maçãs*); o verbo κελάδει pode ser traduzido de diversas maneiras. Trata-se de um verbo de ruído ou barulho, normalmente intenso. Aplica-se a torrentes, ondas que quebram na praia, gritos de aclamação, toque de sinos, choro de criança, entre outros. Por esse motivo, optamos por traduzir κελάδει como *ressoa*, tentando dar ideia de um som mais intenso que o simples rumorejar de um regato.

Nova referência ao mundo vegetal é feita nas linhas 6 e 7: βρόδοισι δὲ παῖς ὁ χῶρος / ἐσκίαστ' (*e todo o local é pelas rosas sombreado*). A rosa, mais do que um símbolo de beleza, era para os gregos uma das flores de Afrodite. Outra planta que lhe é sagrada é o mirto, ou murta (μύρτος), *Myrtus communis*, cuja flor branca assemelha-se muito à da goiabeira ou do araçá — não por acaso, ambas espécies pertencentes à família das mirtáceas. As noivas gregas costumavam usar coroas de mirto, e Safo, em alguns fragmentos, compara as próprias noivas a rosas e maçãs, e os noivos a cavalos (CAMPBELL, 1989, p. 167).

Na linha 7, αἰθυσσομένων [...] φύλλων (*folhas que se agitam faiscantes*), traduzimos o particípio plural αἰθυσσομένων utilizando uma combinação que abarca dois dos seus vários significados. O radical αἰθ- possui o sentido básico de *luminosidade* ou *fogo*. Esse radical aparece, por exemplo, no verbo αἶθω *acender, queimar*, que dá origem a alguns adjetivos com sentidos de *ardente, incandescente, reluzente, resplandecente, fulgurante, queimado* e até mesmo *ensolarado*. O radical também é encontrado no substantivo αἰθήρ (*éter*), que designa *céu claro, luminoso*. De αἶθω *acender* deriva o verbo que Safo utiliza, αἰθύσσω, primitivamente *faiscar, chamejar, incandescer*, e que adquire sentidos metafóricos de movimento: *agitar-se, excitar-se, oscilar, balançar*. Portanto, entendemos αἰθυσσομένων φύλλων *folhas faiscantes* como folhas que se agitam produzindo reflexos luminosos. Todavia, outros entendimentos são possíveis, dependendo da época do ano e da incidência da luz do dia: a copa das macieiras, por estar florida na primavera, resplandece em cores; assim como no verão, carregada de frutos, como que incandescer em cor de brasa. No entanto, como a própria Safo deixa claro no verso 10, está-se na primavera, de modo que as copas estariam por certo floridas, porém não carregadas de frutos.

Na linha 8, em κῶμα κατέρρει (*derrama-se a quietude*), κῶμα significa *sono profundo* ou *letargia* (em medicina esse é o sentido). Para fins de tradução optamos por *quietude* (nossa decisão, porquanto não está indicado no dicionário), que podemos entender como quietude das folhas. A palavra κατέρρει é composta por dois elementos: o prefixo κατά (*para baixo*) e o verbo básico ῥέω (*fluir, correr, escorrer*,

derramar-se). A tradução do verso, pois, ficou mesmo como *derrama-se a quietude*. Todavia, não nos parece inteiramente claro se a imagem pretendida é a da quietude sendo levada embora com a agitação das folhas, ou se é uma certa sonolência que invade o ambiente com essa mesma agitação.

Devemos salientar que os dois verbos nessa estrofe estão no imperfeito no texto do óstrakon, porém, na citação de Hermógenes, estão no tempo presente. A bem da verdade, *κελάδει* (*ressoava*) e *κελαδεῖ* (*ressoa*) eram indistinguíveis no sistema de escrita dos antigos, desprovido de acentuação gráfica; apenas *καταρρεῖ* (*flui para baixo*) e *κατέρρει* (*fluía para baixo*) diferenciavam-se. Optou-se por traduzi-los com sentido presente.

Na linha 9, *λείμων ἰπόβοτος* (*campina onde pastam cavalos*), a palavra *λείμων* tem o significado de *campina* ou *prado*, lugar fértil, úmido, coberto de grama e flores, não raro com um regato. Por sua vez, o adjetivo *ἰπόβοτος* é composto por dois elementos: *ἵπο-*, de *ἵππος*, *cavalo*, e *-βοτος*, que remete à ideia de *pastar*, relacionado ao verbo *βόσκω* (*dar pasto* ou *alimentar*), e a *βοτάνη* (*pastagem*). Portanto, *ἰπόβοτος* diz-se de um lugar onde pastam cavalos. Aqui é possível ler uma imagem de cunho sexual, pois os cavalos simbolizam a virilidade, enquanto que *λείμων*, a campina, às vezes faz referência, metaforicamente, ao púbis feminino. A descrição desse ambiente aprazível complementa-se na linha 10 com *ἠρίνοισιν ἄνθεσιν* (*com flores da primavera*), e a seguir com *αἱ δ' ἄηται / μέλλιχα πνέουσιν* (*e as brisas suavemente sopram*). Vale salientar que lemos em *ἄηται* o nominativo plural de *ἄητη* (*brisa*, *vento*) e não uma flexão do verbo *ἄημι* (*ventar*), bem como em *πνέουσιν* lemos a forma eólica de 3ª pessoa do plural do verbo *πνέω* (*soprar*), e não o particípio no dativo plural.

Temos na linha 13 o vocativo *Κύπρι* (*Cípris*), originalmente um adjetivo que significa *cipriota*, gentílico da ilha de Chipre, uma das muitas moradas de Afrodite, assim como constitui-se em uma expressão metafórica e apelativa da deusa.

Na linha 15, lê-se *ὀμμεμίχμενον θαλίασι νέκταρ* (*néctar misturado nas festividades*), onde o substantivo *νέκταρ* faz referência à bebida tradicional dos deuses, equivalente ao vinho. Este, por sua vez, era sempre servido misturado com água, nunca puro.

Por último aparece, na linha 16, o verbo *οἰνοχόαισον* (formado pela junção de dois radicais, o primeiro de *οἶνος*, *vinho* e o segundo do verbo *χέω*, *verter*, donde o verbo *οἰνοχοέω* *servir a bebida*). Esse verbo encontra-se flexionado no imperativo, um pedido explícito à deusa para presidir o banquete e servir o vinho na festividade em sua honra. Nos banquetes e eventos similares, colocava-se a mescla de vinho e água em um *κρατήρ* (*cratera*, *bacia*, *tigela*) e dali o líquido era retirado usando-se uma *οἰνοχόη* (*vasilha* ou *concha*) e derramado nas taças. A palavra *οἰνοχόη* também tinha o significado de *copeira*, mulher que servia a bebida nas festividades. A função de copeiro ou copeira era considerada nobre, de grande prestígio na sociedade grega antiga.

Não se pode ter certeza do local onde esse poema seria apresentado, embora seja muito provável que o fosse por ocasião de uma festividade em honra de Afrodite. Na região central da ilha de Lesbos havia alguns santuários compartilhados

pelos cidadãos de todas as cidades da ilha, e é possível que Safo tenha apresentado esse poema ali. A geografia do lugar condiz bastante bem com os elementos descritos no poema, inclusive com a presença de dois dos raros cursos d'água existentes em Lesbos. Alternativamente, o poema poderia ter sido declamado em Siracusa, na época do exílio da poetisa.

Essas são, portanto, algumas das dificuldades com as quais deparam-se aqueles que mergulham no estudo dos autores clássicos; sejam eles maiores ou menores. No caso presente, ninguém menos que Safo de Lesbos, insigne poetisa da Antiguidade, cuja obra e prestígio atravessaram os séculos.

Referências

- ADRADOS, Francisco Rodríguez. *Lírica griega arcaica*. Madrid: Gredos, 1980.
- ÁLVAREZ, Ronaldo Forero. Los poetas lesbios en la educación de la época helenística: análisis de psi xiii 1300, p. Paris 2 y p. oxy viii 1086. In: ÁLVAREZ, R. F. et al. (Ed.). *Studia Philologica Columbiana I*. Bogotá: Universidad de La Sabana, Instituto de Humanidades; Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas; Universidad de los Andes, Facultad de Artes y Humanidades, 2011.
- ANTUNES, C. Leonardo B. *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2011.
- ANTUNES, C. Leonardo B. *Safo Fr. 31*, <https://www.youtube.com/watch?v=_CxNIAXbuA4>, 2013.
- BEEKES, Robert. *Etymological dictionary of greek*. Leiden: Brill, 2010.
- BOCCACCIO, Giovanni. *Libro delle donne illustri*. Venezia: Comin da Trino di Monferrato, 1547.
- CAMPBELL, David A. (1982) *Greek lyric I – Sappho and Alcæus*. ed. reimpr. 1990. Cambridge: Harvard University Press.
- CAMPBELL, David A. Monody. In: Easterling, P. E. e Knox, B. M. W. (Eds.) *Early Greek Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *Greek-English lexicon*. 9.ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LOBEL, E. e PAGE, D. L. *Poetarum lesbiorum fragmenta*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- MAYA VISION. *Sappho: Love and life on Lesbos*, <<https://www.youtube.com/watch?v=JBU3KrT1WBQ>>, 2015.
- NORSA, Medea. *Ann. R. Scuola di Pisa* vi, 1-15 (1937).
- PINTO, Pasquale M. (Org.). *Harold Idris Bell - Medea Norsa: Carteggio 1926 - 1949*. Bari: Dedalo, 2005.